


ENSAIOS DE ESCRITA ACADÊMICA: proposta de formação continuada e reflexão da prática pedagógica

ACADEMIC WRITING ESSAYS: proposal for continuing education and reflection on pedagogical practice

ENSAYOS DE ESCRITURA ACADÉMICA: propuesta de formación continua y reflexión sobre la práctica pedagógica

Heloisa Josiele Santos Carreiro 

Renata Menezes de Oliveira 

Luis Cláudio do Nascimento Silva Júnior 

Mariana da Silva Machado da Cruz 

RESUMO

O artigo objetiva narrar experiências formativas do curso de férias de um Coletivo de Estudos e Pesquisas em uma proposta de formação sobre questões relacionadas às escritas acadêmicas de estudantes de graduação e professores da Educação Básica. A proposta dialoga com os estudos produzidos na pesquisa narrativa e autobiográfica como ponto teórico central para articulação do movimento de escrita dos participantes. O texto em tela tem sua trama tecida a partir dos mesmos pressupostos teóricos e metodológicos: realizamos um movimento coletivo de revisitar nossas memórias, refletindo sobre como elas respondem ao compromisso que assumimos com a produção de propostas de formação continuada, que sejam dialógicas a questões emergentes apontadas pelos professores. Diante da experiência vivida concluímos a necessidade de revisitá-las de modo investigativo, com vistas a sua reelaboração e qualificação.

Palavras-chave: Formação Continuada; Pesquisa Narrativa; Escrita Reflexiva; Escrita Acadêmica.

ABSTRACT

The article aims to narrate formative experiences of the vacation course of a Collective of Studies and Researches in a proposal of formation on questions related to the academic writings of undergraduate students and teachers of Basic Education. The proposal dialogues with the studies produced in narrative and autobiographical research as a central theoretical point for the articulation of the participants' writing movement. The text on screen has its plot woven from the same theoretical and methodological assumptions: we carry out a collective movement

to revisit our memories reflecting on how they respond to the commitment we assumed with the production of continuing education proposals, which are dialogic to emerging issues pointed out by the teachers. In view of the lived experience, we concluded the need to revisit them in an investigative way, with a view to their re-elaboration and qualification.

Keywords: Continuing Education; Narrative Research; Reflective Writing; Academic Writing.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo narrar experiencias formativas del curso de vacaciones de un Colectivo de Estudios e Investigaciones en una propuesta de formación sobre cuestiones relacionadas con los escritos académicos de estudiantes de pregrado y profesores de Educación Básica. La propuesta dialoga con los estudios producidos en la investigación narrativa y autobiográfica como punto teórico central para la articulación del movimiento de escritura de los participantes. El texto en pantalla tiene su trama tejida a partir de los mismos presupuestos teóricos y metodológicos: realizamos un movimiento colectivo de revisitación de nuestras memorias reflexionando sobre cómo responden al compromiso que asumimos con la producción de propuestas de educación permanente, que son dialógicas a los temas emergentes señalado por los profesores. Frente a la experiencia vivida, concluimos la necesidad de revisitarlos de forma investigativa, con miras a su reelaboración y calificación.

Palabras clave: Educación Continua; investigación narrativa; escritura reflexiva; Escritura académica.

Introdução

Meu dever ético, enquanto um dos sujeitos de uma prática impossívelmente neutra – a educativa – é exprimir o meu respeito às diferenças de ideias e de posições. Meu respeito até mesmo às posições antagônicas às minhas, que combato com seriedade e paixão. Dizer, porém, cavilosamente, que elas não existem, não é científico nem ético (Freire, 1992, p. 79).

O artigo apresenta as experiências formativas mobilizadas por um Coletivo de Estudos e Pesquisas¹, junto a professores de Educação Básica e

¹ O Coletivo de Estudos e Pesquisas da FFP/ UERJ (COLEI) é constituído pela sua coordenadora, Heloisa Carreiro, por 15 bolsistas efetivos e 2 voluntários. Possui diversos colaboradores, a saber: a) professores das redes de Petrópolis, Niterói e São Gonçalo, b) tece diálogos com movimentos culturais de São Gonçalo especialmente, com o Diário da Poesia e com a Revista Entre Poetas e Poesia, c) estabelece interações e parcerias formativas com outros grupos de estudos e pesquisas de nosso Campus, a saber: GLIFo, GIFORDIC, GEPAC, VOZES,

graduandos internos e externos à Faculdade de Formação de Professores do Estado do Rio de Janeiro, Campus de São Gonçalo. Compartilharemos a narrativa das experiências vivenciadas em um curso de férias sobre escrita acadêmica, considerando, estudos e práticas pedagógicas apontadas pelos sujeitos envolvidos, estudantes de graduação e docentes da Educação Básica.

A proposta teve por objetivo auxiliar os envolvidos a organizarem suas experiências por meio da escrita acadêmica, de modo que estas refletissem dialogicamente, com as teorias que se articulam aos temas de estudo que cada um dos cursistas pretendeu se debruçar para comunicar suas experiências por artigos. Quando essas produções textuais estiverem prontas, orientaremos sobre o movimento de submissão em eventos acadêmicos, revistas indexadas e/ou publicá-las em um e-book, que estaremos organizando com intenção de publicar em 2023, possibilitando que os conhecimentos produzidos circulem no campo educacional.

No que concerne aos procedimentos teórico-metodológicos organizamos um curso nos meses de janeiro e fevereiro de 2022, em que nos reunimos semanalmente para pensarmos as questões técnicas relacionadas a escrita acadêmica, em especial os procedimentos relacionados às regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e aos movimentos possíveis de articulação entre teoria e prática, fundamentando as discussões apresentadas em cada um dos textos. No processo formativo dialogamos com: a “pesquisa narrativa e autobiográfica”, considerando os estudos de Inês Bragança (2012) e Marie-Christine Josso (1998); os estudos do campo do cotidiano escolar mobilizado por Regina Leite Garcia (2005), em especial, a perspectiva epistemológica gestada nesse campo, que investe e concebe o professor como pesquisador da própria prática.

Nosso curso de extensão mobiliza diálogos com pesquisas e estudos dinamizados por Danilo Streck (2003) que se debruça em criar estratégias de democratização de conhecimentos, por meio da “pesquisa-ação participante”, em que junto com professores da Educação Básica e discentes em formação na universidade, fortalece a produção de conhecimentos atrelados à Educação Popular, concebidas a partir das experiências formativas no interior da escola e no enfrentamento dos desafios de pensar a formação de um “professor reflexivo”, como argumenta Selma Garrido Pimenta e Evandro Ghedin (2008), em que teoria e prática, são compreendidas como dimensões inseparáveis.

A proposta teve 58 inscritos, 44 cursistas mantiveram-se em interação com as atividades e 22 sujeitos tiveram 100% de presença no curso de férias,

por meio da plataforma, Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)², todos os encontros foram gravados e disponibilizados aos cursistas, que se encontravam em interação conosco. Neste momento, estamos na segunda fase do trabalho, na qual serão feitas orientações temáticas e/ou individuais dos trabalhos de escrita que se iniciam no curso. Diante da proposta dinamizada e das experiências formativas que se encontram em fluxo, entendemos que para os docentes e graduandos, que abraçaram a proposta educativa, conseguimos mobilizar com sucesso o processo formativo sobre as questões básicas envolvendo o exercício de escrita acadêmica, no trabalho de democratização das experiências oriundas do cotidiano escolar e de estudos no Ensino Superior. Assim, no presente momento temos 22 trabalhos de escrita em curso, com horizonte de publicização em eventos e revistas a partir de 2023.

O COLEI e o nascimento de seus projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão: uma história preocupada com a formação de leitores e escritores

Nosso Coletivo nasceu em 2018 com suas raízes sendo fincadas ao solo após o diálogo com outros grupos de pesquisas do ambiente acadêmico. Enquanto grupo de estudos e pesquisas, ele vem crescendo desde o seu nascimento. Os membros que participam do Coletivo sempre deixam sua contribuição, o que faz com que ele se desenvolva a cada ano. Nosso trabalho é voltado às discussões que se relacionam ao campo da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com propostas de Ensino, Pesquisa e Extensão que atuam tanto no campo da formação inicial e continuada, como em ações que se desdobram no cotidiano escolar. Todos os nossos projetos desenvolvem ações em diálogo com a literatura, pois sabemos que ela é uma chave especial para o desenvolvimento humano, em termos de ampliar suas leituras de mundo (Freire, 1987), lhes favorecendo a emancipação cultural e social.

Atualmente, trabalhamos com oito projetos, e apresentaremos a seguir um breve resumo de cada um. Iniciamos com o projeto de extensão, que deu origem ao nosso curso de escrita, que é o centro da discussão do presente artigo: *Cartas entre educadoras(es) das infâncias: compartilhando desafios da prática*. A proposta tem como objetivo trazer a aproximação da prática de escrever cartas de forma reflexiva, fazendo com que os profissionais ligados à Educação Infantil, da Região Serrana e do Leste Fluminense, sendo o público-alvo desse projeto: professores e equipe gestora que atuam na Educação

² A plataforma RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa) é uma ferramenta de reuniões virtuais que permite a realização de videoconferências e webconferências. O acesso como participantes das reuniões é gratuito, pois a plataforma foi desenvolvida por uma organização governamental brasileira responsável por promover a inovação tecnológica no ensino e na pesquisa (Santos; Lima; Fernandes, 2017).

Infantil, sempre de duas cidades, para que troquem correspondências e experiências sobre os desafios cotidianos, que enfrentam no exercício da prática pedagógica com as crianças pequenas e as experiências formativas que vivenciam, à partir da formação continuada oferecida pelo referido projeto de extensão.

Temos dois outros projetos que se articulam entre si no propósito de democratizar literatura em contextos escolares e não escolares: a) um de Iniciação Científica (IC) nomeado como: *Rodas de contação e leitura de histórias na Praça: Pretextos para Encontros entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Paraíso - São Gonçalo-RJ*, que faz mediação de leitura em contextos urbanos e, b) proposta de Extensão que tem por título: *Tenda Literária na Praça: democratizando literatura*, esse realiza mediação literária em escolas por meio de agendamento e mensalmente, promove atividades com crianças que estão visitando o espaço da Secretaria de Educação de São Gonçalo, esta atividade extensionista nasceu em resposta à solicitação de docentes que conheciam às ações de nossa IC, em praças públicas. Os docentes reivindicavam visitas às escolas ou em praças próximas de suas instituições.

O projeto *Alfabetização e Literatura: a mediação literária favorecendo a aprendizagem da leitura e da escrita*, é articulado pelos bolsistas de Iniciação à Docência. A proposta objetiva: levar os estudantes de graduação para o ambiente escolar; promover mediações literárias de obras infantis em escolas públicas; refletir sobre as relações entre alfabetização e literatura no cotidiano escolar. Esse projeto possui duas frentes: uma que dialoga diretamente com a professora-alfabetizadora e outra que atua com as crianças, partindo do pressuposto de que as crianças são sujeitos ativos e coprodutoras de cultura.

Nosso outro projeto de iniciação à docência, recebe o seguinte nome: *Oficinas de desenhos no Ensino Fundamental I: caminhos teóricos práticos para a reflexão sobre o desenvolvimento da linguagem gráfica infantil*. Ele foi criado no intuito de: a) resgatar o desenho na formação da Educação Básica, b) apresentar técnicas e materiais que auxiliem as crianças a desenvolverem seus desenhos e, c) apoiar os participantes na superação de que desenhar esteja atrelado a compreensão de dom - presente de divindades. Como atividade técnica criada pelos seres humanos e recriada, constantemente, o ato de desenhar pode se fazer por meio da educação, assim, planejamos oficinas que auxiliem as crianças no desenvolvimento de sua linguagem gráfica.

O projeto de Estágio Interno Complementar nomeado como: *Inventário de práticas de ensino, pesquisa e extensão no ensino superior: reflexões sobre as articulações entre docentes discentes do Departamento de Educação*. O principal objetivo dele é criar um inventário das práticas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Departamento de Educação (DEDU). Portanto,

uma das ações deste projeto é pesquisar e mapear os eventos oferecidos pelos professores do DEDU.

Preocupados com a formação docente, também dispomos do projeto de *Monitoria em Educação Infantil I*, o qual busca garantir que o monitor tenha aproximação do trabalho cotidiano atrelado à docência no Ensino Superior, se aproximando de atividades de planejamento, reflexão da prática e acompanhamento dos estudantes no espaço da sala de aula.

E, por último, temos o projeto PROATEC - *Inventário e Articulação das Ações de Ensino, Pesquisa e Extensão: a mediação tecnológica como divulgação e historicização de nossas experiências formativas*, dentre seus objetivos podemos destacar: mapear as ações do nosso Coletivo mantendo e aprimorando as experiências formativas que nasceram em resposta ao contexto pandêmico, atuando sobretudo nas frentes tecnológicas demandadas por bolsistas e professores que se encontram em interação conosco.

No início do ano de 2022, ainda de forma remota, o Coletivo propôs um conjunto de atividades formativas de férias. Elas mobilizaram todos os bolsistas, mas os novos estudantes, que entraram no mês de janeiro, assumiram com a coordenação essas frentes de trabalho. Uma dessas atividades se desdobrava a partir Projeto de Extensão, *Cartas entre educadoras(es) das infâncias: compartilhando desafios da prática*. Nomeamos a atividade extensionista como “Oficinas de escrita acadêmica”, ela foi registrada no Departamento de Extensão da UERJ, tendo como público-alvo: professores da Educação Básica. A proposta era uma resposta à solicitação de docentes que participavam de nossos cursos de extensão. Entretanto, acolhemos inscrições de estudantes de graduação e pós-graduandos de outras instituições, que se mostraram curiosos e/ou interessados pela proposta.

Estrutura e funcionamento das Oficinas de Escrita Acadêmica

Por que pensar um curso de escrita para docentes? Será que eles já não escrevem tanto? Afinal, atualmente querendo ou não, estamos em constante contato com a escrita, todos nós escrevemos, seja um artigo publicado, seja respondendo a um e-mail ou a uma simples mensagem de *WhatsApp*. Os professores, como sabemos, em período de pandemia precisaram incorporar esses suportes tecnológicos em sua atuação profissional, para além das atividades de preenchimento de pautas, elaboração de planejamento, atividades pedagógicas de diferentes áreas para seus educandos. Assim, em linhas gerais, podemos dizer que docentes se relacionam com a escrita e que possuem certa intimidade com ela.

Contudo, será que há alguma atividade de escrita na qual ele não se sente confortável? Vimos identificando que sim, pois nos diálogos formativos com nossos projetos, muitos são os professores que desejam continuar seus estudos em uma pós-graduação e nos trazem a seguinte questão: como escrever bem, mobilizando nossas experiências em diálogo com as teorias? Certamente, desenvolver a escrita acadêmica em diálogo com as teorias, pode nos facilitar a compreensão de muitos desafios que se colocam à nossa prática pedagógica, podem trazer esclarecimentos sobre muitas temáticas que não se esgotaram na formação inicial. Então, ela traz contributos no desenvolvimento de projetos pessoais, profissionais ou acadêmicos.

Considerando os elementos acima apresentados, criamos uma proposta de compartilhar estratégias de movimentação da escrita acadêmica, como uma ação formativa que se desdobra do projeto, *Cartas entre Educadores(as) das Infâncias: Compartilhando Desafios da Prática*. Para isso, como já dito brevemente, criamos um curso envolvendo professores da Educação Básica, educadores sociais, estudantes de licenciaturas e graduandos em Pedagogia. O curso ocorreu em período de férias escolares sendo nomeado como: *Oficina de Escrita Acadêmica para Docentes da Educação Básica*, que teve como objetivo principal: compartilhar estratégias de movimentação da escrita acadêmica. Um curso prático que buscava ensinar técnicas e estratégias estéticas de composição das atividades escritas para a realização de diálogos teóricos, respeitando as regras de referências postuladas pela ABNT. Assim, no período de aproximadamente dois meses, nos encontrávamos semanalmente para debruçarmos em apresentar técnicas de escrita, com a finalidade de melhorar a clareza comunicativa por meio desta linguagem em textos autorais. Também mobilizamos diálogos convidando à reflexão sobre a potência transformadora do ato de escrever, sobre as experiências formativas e pedagógicas, que os cursistas pretendiam compartilhar de modo articulado à produção teórica que se relacionava às seguintes questões: o que escrever? Como escrever? Como ampliar o universo de comunicação do produto de nossa atividade de escrita reflexiva? Efetivamente, nos empenhamos na criação de uma pauta de escrita, com o propósito de auxiliar os participantes a comunicarem suas ideias de forma mais clara e coesa, com vistas a qualificar nossa comunicação por meio desta linguagem. A professora, coordenadora do curso, era a responsável por dar o feedback aos exercícios de escrita dos cursistas.

Começamos, então, a “mapear” nossas intenções de escrita, criando um esquema, no qual deveríamos narrar com clareza, o que seria preciso ponderar para discutir o título, que de início deveria ser provisório e tentar apresentar ao leitor, o tema central da discussão. Nessa primeira atividade prática do curso, tínhamos que compartilhar nossa experiência pedagógica ou nosso desejo de estudo, no caso dos estudantes em formação, de maneira sucinta e clara, além

de determinar nosso lugar narrativo diante da experiência apresentada. Para, enfim, responder ao seguinte questionamento: o recorte narrativo escolhido tem relação direta com você? Por que tal questão se revela como importante? Esse movimento de partir das próprias experiências, alinhava-se aos pressupostos metodológicos que escolhemos como parte da composição teórica da oficina: os estudos relacionados à pesquisa *narrativa (auto)biográfica* (Bragança, 2012). Tivemos como ponto de partida nossos “Mapas de Escrita”, que apresentavam nossas intenções e um planejamento de percurso discursivo para realização do trabalho proposto pelo curso. Outro pressuposto importante para composição da atividade era perceber as concepções que nos balizam. Assim, em diálogo com a Sociologia das Infâncias, acordamos sobre a importância da defesa epistêmica de que as crianças não deveriam aparecer nos artigos nomeadas como alunas. Uma decisão epistêmica, pois ao investigar a origem da palavra, um dos significados que encontramos é de que ela tem origem no latim e quando decomposta interpretamos que: A-LUNO, a letras ‘a’ corresponde a “ausente ou sem” e ‘luno’, que deriva da palavra ‘lumni’, significa “luz”. Portanto, *aluno* quer dizer *sem luz, sem conhecimento* (Guérios, 2010).

Nossas atividades aconteceram às terças-feiras dos meses de janeiro e fevereiro de 2022, das 15h às 17h. Consideramos que oficialmente 58 pessoas se inscreveram, 44 permaneceram no Grupo de WhatsApp de comunicação, algumas assistiam às gravações feitas dos encontros, mas a plataforma não permitia sua identificação. O fato é que apenas 22 pessoas frequentaram regularmente os encontros e interagiram com a proposta. Entre esses, quatro já concluíram seus artigos e outros estão “esperançando”, do verbo *esperançar* que nos move, pois conforme afirma Freire (1987, p. 43): “movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero”. Com o término do curso, a coordenação vem mantendo um processo de orientação mais individualizado, sonhando que alguns artigos sejam publicados em revistas indexadas e/ ou que possam compor um e-book, que planejamos publicar em 2023.

Em interação com a proposta como mediadores e/ou cursistas refletimos que: se desejamos ser um bom escritor, no sentido de mobilizar nossas ideias em diálogo com outras, precisamos, nos descobrir leitores e/ou aprender a gostar de ler, afinal acreditamos que um escritor se desenvolve com o gosto da leitura. Sendo assim, apostamos que a interação com a literatura pode ser um bom caminho. Diante deste princípio, prezamos pelo contato com textos literários, e sempre iniciávamos os nossos encontros com a leitura de uma minibiografia, escolhida pela bolsista que chegou ao nosso Coletivo em dezembro de 2021. A graduanda realizava sua seleção no livro: “50 Brasileiras Incríveis para se conhecer antes de crescer”, a obra é de autoria de Débora Thomé (2017). Em nenhum encontro a escolha da bolsista pareceu aleatória, uma vez que ela sempre procurava estar atenta aos eventos sociais que estavam

acontecendo para construir relações discursivas. Nesse livro a autora nos apresenta 50 mulheres incríveis, verdadeiras heroínas, que tem suas histórias que por vezes se encontram com as nossas. As palavras de Débora Thomé exerciam sobre cada um de nós um certo fascínio, e o curioso é que ao término da leitura estávamos, visivelmente, tocados pelas histórias daquelas mulheres, suscitando em nós memórias de nossas infâncias e de nossas relações, visto que esse primeiro momento, dedicávamos ao ato de escutar, entendendo quão importante e necessário é saber ouvir. Lembrando o modo que costumamos iniciar nossas reuniões mensais em nosso Coletivo, em que reservamos a primeira parte dos nossos encontros à acolhida dos bolsistas, através da escuta de suas vozes, momento em que partilhamos em voz alta, algo autoral, elaborado em diálogo com alguma temática proposta pela coordenação.

E, vimos percebendo que o crescimento do grupo se apresenta como um desafio, a esse trabalho de fala e de escuta. Compreendemos que este movimento, em respeito às diversas vozes, tem como base o que Freire (1987, p. 109) diz: “quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta, diga, fale, responda”. Do mesmo modo, entendemos a importância desse primeiro momento, no qual as escritas ensaiadas no curso tinham o propósito de trazer reflexões sobre nossos estudos e experiências pedagógicas, elas desvelavam algo presente na teoria de Boaventura de Sousa (2010), na qual ele afirma que todo movimento de conhecimento é atividade de autoconhecimento, pois conhecer o mundo é conhecer a nós mesmo.

Assim, durante o curso, intensificamos o trabalho em torno de nossos recortes de estudo, levantando questões, elegendo objetivos, em simultâneo com a aproximação de princípios teóricos, metodológicos e epistemológicos. Confiando que, certamente, todos os trabalhos albergarão outros estudos e pesquisas. Entretanto, diante da proposição da oficina, debruçamos nos *estudos narrativos e/ ou autobiográfico* (Bragança, 2012), para que assim os autores assumissem na escrita certo protagonismo, apresentando suas experiências nos artigos que pretendem consolidar, aprofundando os desafios de suas práticas e/ou dos estudos nos quais encontram-se envolvidos academicamente, empenhando-se em ouvir e dialogar com teorias na intenção de compartilhar suas ideias, ampliando os espaços de circulação de suas vozes, por meio da escrita.

Para apoiar os cursistas, a coordenação realizou em diálogo com cada mapa de escrita, sugestões de leituras necessárias para a consolidação de um artigo acadêmico. Alguns cursistas não conseguiram criar seus mapas, então, houve a solicitação que elaborassem seus resumos. Destacamos a importância de nesse momento apresentarem de forma clara os principais pontos que pretendiam abordar nos artigos, desejando que os futuros leitores consigam com

clareza perceber as ideias discutidas nos textos. Na ocasião, nos dedicamos a escuta de cada resumo, com a intenção de aconselhar e orientar quanto as correções que se faziam necessárias, acrescentando-se ainda a indicação de como proceder para recorrer as referências bibliográficas conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Paralelamente, foram promovidos ensaios escritos desenvolvendo diálogos teóricos, necessários a construção de nossos futuros artigos. Também foram prestadas orientações quanto ao uso de citações, manifestando a importância de referenciar ideias que não são nossas, capacitando-se a diferenciar uma citação direta de uma indireta. Uma discussão necessária foi o alerta de que apenas e tão somente, mudar algumas palavras do texto, não irá tornar a ideia nossa. Salientou-se ainda que ao trazer uma referência bibliográfica, obrigamo-nos a dialogar com ela, relacionando o supracitado com o nosso trabalho, informando desse modo o motivo pelo qual a citação está inserida em nosso texto e finalmente como esta poderá contribuir, a fim de nos ajudar a compreender certos aspectos das questões estabelecidas, empenhando-se em fazer citações indiretas, parafraseando o que o autor de referência menciona. Desta maneira, certamente, estaríamos nos aproximando das ideias mencionadas em nosso texto, buscando assim ampliar a compreensão da citação para o nosso leitor. Esmiuçando, além disso, que antes de usar uma referência, devemos refletir se o autor não está em contradição epistemológica com os demais que estejam sendo citados em nosso texto, foi sugerido um exemplo prático, a fim de esclarecer essa hipótese. Sendo mencionado que nas epígrafes feitas, devemos aprofundá-las, discursivamente no artigo que estamos criando, pois elas devem provocar reflexões articuladas as questões que estruturam a proposta de escrita. Com o objetivo de auxiliar os usos acadêmicos das referências bibliográficas, encaminhamos uma apostila com instruções mais aprofundadas a esse respeito.

Portanto, pretendíamos com nossas atividades formativas no curso, orientar o trabalho de escrita narrativa, para circular em espaços acadêmicos. Os cursistas, ao longo da experiência, nos forneciam feedbacks dos movimentos feitos para a produção de seus ensaios. Contudo, infelizmente por parte de alguns cursistas faltou a contrapartida de realizar as atividades práticas do curso: ler o material sugerido e fazer o exercício de escrita, para ensaiar o conteúdo trabalhado na formação, sem esse movimento do cursista a verificação da compreensão prática não era possível.

Nossa percepção é de que os participantes conseguiram compreender o que Freire (2002, p. 14) argumenta: “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Assim, acreditamos ser importante, constantemente, nos interrogarmos sobre o mundo a nossa volta, no qual devemos intervir, produzindo transformações sociais.

Reflexões sobre o processo de democratização da produção científica

No presente artigo vimos percebendo que o curso de escrita acadêmica tinha por intenção mobilizar encontros dialógicos (Freire, 1987) entre os seguintes sujeitos: a) professores regentes; b) futuros professores em formação, e; c) pesquisadores. Entendendo que realizando esse movimento estávamos favorecendo o encontro entre teoria e prática como dimensões que se articulam, para a arquitetura de uma escola que ofereça aos seus educandos uma experiência pedagógica alinhada ao compromisso de emancipação dos sujeitos. Essa emancipação amplia suas possibilidades, quando a Educação Popular ganha força na articulação entre os conteúdos trabalhados nos espaços formais de educação, ou seja, conforme afirma Streck (2003, p.283):

a força da educação popular está, paradoxalmente, nos restos de esperança transformados em semente de um outro futuro que orienta a busca, e não na criação de futuros fechados que acabam aprisionando as próprias esperanças.

Assim, é preciso que fique claro que com nossa proposta formativa estávamos “defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante de ação” (Freire, 1987, p. 125). Apostamos que esse movimento de construção científica sobre o mundo se qualifica quando as tensões dos encontros e desencontros dialógicos com o outro, favorecem a polifonia que fazemos nascer ao “ensinar, ao aprender e, especialmente, no transformar de si, do outro e do mundo, em partilha” (Bragança, 2012, p. 192) crítico-reflexiva de experiências vinculadas à pesquisa narrativa (auto)biográfica. Conforme nos confirma Freire “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/ Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (Freire, 1996, p. 22) sem pausa reflexiva sobre aquilo que se faz.

Nos estudos de Freire (1996) compreendemos que o encontro dialógico entre a Escola e a Universidade, por meio de seus atores, nos ajuda a dar sentido a teoria que a academia produz, pois através do diálogo com os profissionais que atuam na Educação Básica, esperamos que nossa produção científica tenha mais propensão de sair do "blábláblá" estéril, que pouco colabora com as transformações sociais. Acreditamos que nosso curso possibilitou aos professores atuantes do cotidiano escolar em diálogo com a universidade, por meio de nossa proposta de extensão, saíssem de um “ativismo” automatizado, assumindo uma postura de investigar teorias e experiências educacionais que lhes ajudassem a refletir sobre os desafios enfrentados em suas práticas, principal foco do nosso projeto de extensão: “Carta entre educadores/as...”.

Assim, interpretamos que o diálogo com a academia, ajuda esses docentes a se tornarem *pesquisadores de suas próprias práticas*, como nos apontam os estudos de Garcia (2005).

Confiamos que esse movimento proposto por nosso curso, de apoiar e encorajar, docentes a escreverem academicamente³ narrativas sobre suas experiências, pluraliza e enriquece as referências que os pesquisadores tomam como exemplos, para pensarem as teorias disponíveis e as que se encontram por nascer. Isso, também favorece a democratização dos conhecimentos científicos produzidos nos espaços acadêmicos. Além de possibilitar que a cultura popular se faça presente e ressignifique as pesquisas no Ensino Superior, como apontam os estudos de Danilo Streck em entrevista à revista Reflexão e Ação, na qual o pesquisador do campo da Educação Popular afirma que:

Na pesquisa temos pelo menos três âmbitos de interlocução: o primeiro é comigo mesmo para tornar-me mais consciente de meus pressupostos, o segundo é com os sujeitos com quem realizo a pesquisa e o terceiro é a comunidade na qual insiro o meu trabalho e meu discurso. Entendo também que dentro do campo acadêmico existem diferentes “dialetos” ou formas de expressão (Pitano; Tavares; Streck, 2021, p. 106 - grifo dos autores).

Os argumentos apresentados por Streck, nos permitem compreender que através do nosso curso, colocamos em diálogo os sujeitos envolvidos, direta ou indiretamente, com o projeto de pesquisa e extensão do Coletivo, *Cartas entre educadoras(es) das infâncias: compartilhando desafios da prática*, no qual os cursistas eram convidados a revisitar e refletir sobre os desafios que encontravam em suas práticas. Nossa percepção é de que os atores envolvidos com a proposta formativa, buscam se tornar cada vez mais conscientes dos pressupostos epistemológicos que orientam as concepções e práticas.

Para mobilizar essa conscientização, o curso em sua metodologia estabeleceu diálogos com os estudos cunhados pela *pesquisaformação narrativa (auto)biográfica* que se apresenta como uma possibilidade de descolonização da produção científica (Passeggi; Souza, 2017), uma vez que desloca e amplia as experiências, as vozes e os espaços, que entendemos como potentes à produção de conhecimento. Como sabemos, em diálogo com Boaventura de Sousa Santos, “nossas grandes teorias das ciências sociais foram produzidas em três ou quatro países do Norte. Então, nosso primeiro problema para quem vive no Sul é que as teorias estão fora do lugar; não se ajustam realmente a nossas realidades sociais” (Passeggi; Souza, 2017, p. 19).

³ Gostaríamos de esclarecer que, por escrever academicamente, estamos entendendo o exercício de escrita docente das experiências pedagógicas pensadas e refletidas em diálogo com estudos teóricos.

Diante disso, nos unimos a tantos outros pesquisadores, que como nós, também vem tentando pensar propostas formativas investigativas, a partir dos desafios que se colocam ao professor no cotidiano escolar. Pois entendemos que sem realizar esses ensaios continuaremos por pensar pesquisas que se acumulam em bibliotecas universitárias e em *nuvens virtuais*, que não molham, hidratam, fertilizam e/ ou impactam as experiências e os desafios presentes nas escolas brasileiras de Educação Básica. Interpretamos que cada participante do nosso curso, ensaiou processos de descolonização de produção científica, pensando conhecimentos a partir do Sul, através da escrita-formativa, pela qual refletiram e compartilharam suas práticas pedagógicas e seus estudos teóricos.

Considerações Finais

O intuito deste trabalho foi apresentar as experiências formativas vivenciadas em nosso Coletivo, sobretudo o *curso de escrita acadêmica* ofertado no período de férias, nos meses de janeiro e fevereiro de 2022. Valendo-se do espaço, buscamos, brevemente, mostrar nossos projetos que compõem às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ao apresentá-los procuramos pontuar que exercemos seriamente o compromisso que temos com a Universidade Pública, trabalhando na oferta de uma educação de qualidade aos estudantes em formação, que como bolsistas podem contribuir com a transformação da sociedade, por meio de suas atividades.

Diante do desafio de sermos um Coletivo, os bolsistas que assumem esse compromisso formativo, de fato assumem uma carga de trabalho significativa nas ações individuais que cada projeto demanda, para além das atividades de estudos ligadas às disciplinas. Contudo, buscamos trabalhar coletivamente, construindo assim uma rede de apoio a cada projeto, com vistas a ampliar a experiência formativa de cada bolsista. Entendemos que por meio do exercício coletivo, é possível dividir o trabalho e criar interrelações entre os participantes do grupo, sendo estes capazes de atuarem em qualquer atividade desenvolvida.

Movidos pela demanda e preocupados com a qualidade da formação continuada dos professores da Educação Básica, surgiu o desejo de ofertar o curso de escrita acadêmica. Logo, consideramos o período de férias, para que assim, pudessemos alcançar os docentes, visto que teriam disponibilidade de horário para se dedicarem às atividades do curso, embora não fosse apenas eles o nosso público-alvo.

Nosso objetivo com o curso era desmistificar a complexidade que muitos pensam existir neste modelo de escrita e possibilitar aos professores em exercício da profissão, que após se formarem no Ensino Superior, recorrentemente, se distanciam da prática da escrita acadêmica e/ou deixam de

utilizá-la, para refletirem sobre o seu fazer pedagógico. Além disso, entendemos que a proposta abriu caminhos e possibilidades de promoção de diálogos entre Escola e Universidade. Afinal, à medida que os temas escolhidos pelos participantes eram expostos, observamos que a maioria deles pretendiam abordar assuntos oriundos do cotidiano escolar especialmente, tratando de sua prática educacional. Esta relação foi fundamental para os bolsistas, principalmente, para aqueles que ainda não estão exercendo a profissão, observarem as inquietações e demandas que tem surgido no chão da escola.

Com o advento da pandemia surgiram muitos cursos virtuais gratuitos que visavam a formação continuada do professor. De certa forma isso foi bom, pelo fato de ser acessível àqueles que tem condições tecnológicas de cursarem. E, como a maioria dos cursos virtuais que são bem divulgados nas redes sociais, obtivemos um número expressivo de inscrições, talvez isso se dê pela ânsia de conhecimento que circula entre os profissionais da educação, preocupados em melhorar a sua prática e muitos em dar continuidade à formação, em um curso de pós-graduação. Porém, com uma suposta “explosão” de oferta de cursos online e outros fatores que se relacionam com a vida pessoal de cada participante, costumamos receber muitas inscrições. Todavia, o número de concluintes acaba sendo inferior ao número de inscritos, pois muitos se inscrevem para garantir a vaga, mas não cursam, ou quando iniciam não conseguem organizar suas rotinas pessoais para cursar a formação, ou para dedicar o tempo necessário a fim de cumprir as atividades teóricas e práticas exigidas. Os estudos em plataformas digitais - à distância - exigem, como mostram os estudos de Hack (2011), de muita autonomia e auto-organização por parte do cursista.

No curso que tomamos como reflexão, procuramos organizar os nossos encontros de forma metodologicamente clara, compartilhando a organização didática com os participantes. Em cada encontro os cursistas tinham acesso ao conteúdo e ao passo a passo das atividades planejadas. Pensamos em um mapa de escrita, o qual iria nortear o processo de elaboração do artigo individual, a partir do tema escolhido pelo cursista. Sendo assim, o curso se fez de forma prática, pois ao final de encontro era proposto uma tarefa para o próximo.

A partir disso, podemos chegar a algumas indagações: qual seria a motivação de professores da Educação Básica se inscreverem em um curso de escrita acadêmica em pleno período de férias pessoais? Como podemos ajudar aos cursistas na organização pessoal, com vistas a que consigam realizar as atividades propostas? Será que a Universidade pela qual passamos não foi suficiente no processo de aquisição de alfabetização desta escrita que se desenvolve em diálogo com as teorias? São questionamentos que não possuímos respostas no momento, mas que caminham pela relação e inquietação que há entre teoria e prática. E, além disso, percebemos nos participantes, um desejo de terem suas experiências e vozes ouvidas, de

compartilharem em palavras escritas: pensamentos, vivências e experiências oriundas de seus saberes e fazeres. Escrever, registrar para não perder, porque a memória falha e os acontecimentos podem ficar perdidos. Escrever para compartilhar, para buscar estudos e pesquisas que, possivelmente, se farão como respostas ou que ajudarão a criar respostas autorais, permitindo por meio da *práxis* a criação de novas teorias (Freire, 1987). Seguimos com a intenção de escutar as vozes dos que nos procuram e de ajudar aos que quiserem a ingressar nos espaços acadêmicos, por meio de publicação em revistas ou participação em eventos, queremos poder reafirmar o nosso compromisso com a educação e com a população, apoiando inclusive os professores que desejam dar continuidade a sua formação em espaços de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698> Acesso em: 16 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Regina Leite. **Professora-Pesquisadora**: Múltiplos Olhares. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUÉRIOS, Rosário F. M. **Dicionário de etimologias da língua portuguesa**. 7ª ed. São Paulo/Curitiba: Cia. Editora Nacional/ UFPR, 2010.

HACK, Josias Ricardo. **Introdução à educação a distância**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Editora Dom Quixote, 1998.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación qualitativa**, Urbana, IL, v. 2, n. 1 p. 6-26. 2017. Disponível em: <https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36> Acesso em: 18 jul. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PITANO, Sandro de Castro; TAVARES, Maria Tereza Goudard; STRECK, Danilo Romeu. Uma vida em defesa da educação popular: entrevista com Danilo R. Streck. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 2, p. 245-255, mai./ago. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 16ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Flávia Ferreira dos; LIMA, Fernanda Wanderley Carvalho; FERNANDES, Hugo Sergio. A utilização de plataformas virtuais de ensino na graduação: estudo de caso na Universidade Federal de Sergipe. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 24, p. 143-163, 2017.

STRECK, Danilo. A educação popular e a (re)construção do público. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2003.

THOMÉ, Débora. **50 Brasileiras Incríveis**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Galera, 2021.

Submissão em: 06 jan. 2023.

Aceite em: 11 out. 2023.

ⁱ ***Heloisa Josiele Santos Carreiro***

Doutora em Educação, professora da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e Coordenadora do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI).

E-mail: helo.carreiro.uerj.ffp@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0807205299478201>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2141-3352>

ⁱⁱ ***Renata Menezes de Oliveira***

Estudante de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e bolsista de Extensão do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI).

E-mail: renataseqsg@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2317762949404721>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0247-2143>

iii Luis Cláudio do Nascimento Silva Júnior

Estudante de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e bolsista de Iniciação à Docência do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI).

E-mail: luisclaudiobbb_1@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9754527084035379>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6660-5024>

iv Mariana da Silva Machado da Cruz

Estudante de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e bolsista PROATEC do Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI).

E-mail: mariana.smnascimento@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6496376755564940>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2249-362X>